

## “Arte na era eletrônica é otimista e de integração”

Para o crítico francês Pierre Resteny, que se encontra em São Paulo, ao contrário da arte pessimista de ontem, a arte de hoje é otimista e de integração. Explica que tudo mudou e que com a arte não poderia acontecer outra coisa. «A máquina destrói, enlouquece o homem. Depois da última guerra, entramos numa segunda revolução industrial, e tudo passou para o campo eletrônico, das viagens espaciais, da energia atômica. Por causa disso, ou devido a isso, a Arte atual corresponde à civilização de hoje, e é otimista».

Pierre Resteny opina que o problema está em encontrar-se novos meios de expressão, novas experiências, descobrir materiais novos, tudo de acordo com a época em que vivemos. Por isso discorda dos que julgam que a Arte abstrata está liquidada.

### NOVA-FIGURAÇÃO

Afirmou também que não existe o que chamam de «nova-figuração», que significa discutir um «problema falso». No seu entender seguir a «nova-figuração» seria uma regressão histórica. «O que a Arte de hoje exige são novas

experiências, idéias inovadoras e nada de volta ao passado, de buscar coisas já ultrapassadas».

### CORDOBA: JOVENS

O crítico francês esteve há pouco na Argentina, onde figurou no júri de seleção e premiação das obras expostas na Bienal de Córdoba, onde figuraram trabalhos de artistas da América do Sul (12 de cada país).

Considerou bom o certame, porém como uma espécie de preliminar à Bienal de São Paulo, esta sim «muito importante». Ademais, julga que já se fazem muitas Bienais no mundo todo, motivo pelo qual acha que a mostra argentina deveria especializar-se num só campo. Por exemplo, poderia ser uma Bienal exclusivamente para jovens, tal como a de Paris. Seu ponto de vista relaciona-se ao fato de já existir na América Latina a Bienal de São Paulo. Aliás, referindo-se aos brasileiros, Resteny salientou que, de tradição já solidamente firmada, temos a gravura e o desenho. A pintura e a escultura ainda estão por aparecer no conceito e aceitação internacionais.

Resteny, que já figurou no júri da Bienal paulista de 1961, não soube informar qual será a representação francesa ao certame do próximo ano. Hoje, em companhia de Krajcberg (pintor radicado em Paris e ora também em São Paulo) e da gravadora Maria Bonomi, visitará Ouro Preto e outras cidades mineiras.